

Enfermagem no manejo da dor em unidades de urgência e emergência**Nursing in pain management in emergency and emergency units**Rosilene Gomes da Silva¹Wellington Junio de Oliveira Reis²Douglas Gabriel Pereira³

227

Resumo: Introdução: Mesmo a dor se mostrando como um dos principais motivos de procura por atendimentos em unidades de urgência e emergência, alguns autores concordam que ainda há um despreparo dos profissionais para a prestação de uma assistência de qualidade. **Objetivo:** apresentar uma revisão bibliográfica sobre a dor nos serviços de urgência e emergência. **Materiais e Métodos:** Trabalho realizado sob a forma de revisão bibliográfica entre março e maio de 2021. Foram selecionados artigos em português publicados entre os anos de 2010 a 2020 tendo como tema principal o manejo da dor pela equipe de enfermagem em unidades de urgência e emergência. Foram realizadas duas buscas de dados: uma na Biblioteca Virtual de Saúde e outra no Scielo. Foram utilizadas como palavras chave “manejo da dor”, “formação do enfermeiro”, “Enfermagem em urgência e emergência”, “dor”, “dor aguda” e “intervenção de enfermagem”. Foram encontrados 13 artigos sendo que 2 foram excluídos por apresentarem apenas o resumo; 2 dos 11 artigos disponíveis nas duas plataformas, são de revisão bibliográfica. **Resultados:** Por ser queixa comum, a dor, deve ser melhor avaliada, tratada e os recursos disponíveis para a assistência ao paciente devem ser utilizados de forma protocolar. **Considerações finais:** Durante o estudo evidenciou-se o despreparo de grande parte dos profissionais de enfermagem para lidar com o paciente portador de dor, o que pode relacionar-se a uma formação acadêmica ineficaz.

Palavras-Chave: Enfermagem; Dor; Urgência e Emergência.

Abstract

Introduction: Even though pain proves to be one of the main reasons for seeking care in urgent and emergency units, some authors agree that professionals are still unprepared to provide quality care. **Objective:** to present a literature review on pain in urgent and emergency services. **Materials and Methods:** Work carried out in the form of a bibliographic review between March and May 2021. Articles in Portuguese published between the years 2010 to 2020 were selected with the main theme of pain management by the nursing team in urgency and emergency units. Two data searches were carried out: one in the Virtual Health Library and another in Scielo. The keywords used were "pain

¹ Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Tecsoma

² Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Tecsoma

³ Professor Especialista do Curso de Enfermagem

Recebido em 28/12/2020

Aprovado em 24/02/2021

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

management", "nurse training", "urgency and emergency nursing", "pain", "acute pain" and "nursing intervention". 13 articles were found, 2 of which were excluded because they presented only the abstract; 2 of the 11 articles were available on the two platforms, are for bibliographic review. **Result:** Because pain is a common complaint, it should be better evaluated, treated and the resources available for patient care should be used in a protocol. **Conclusion:** During the study, the unpreparedness of most nursing professionals to deal with the patient with pain was evidenced, which can be related to ineffective training.

Keywords: Nursing; Ache; Urgency and emergency.

Introdução:

É estimado que de 30 a 40% da população brasileira seja acometida por algum tipo de dor, sendo este o principal motivo de absenteísmo, atestados médicos, aposentadoria precoce, indenizações trabalhistas e baixa produtividade. Frente a isto o manejo da dor torna-se uma atividade de saúde pública. É importante destacar que, se não diagnosticada e tratada adequadamente em sua fase aguda, pode ocorrer a cronificação da dor (BARROS; ALBUQUERQUE, 2014).

A dor é definida pela Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) como sendo uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial (DESANTANA, 2020).

Com pouco material disponível relacionado ao manejo da dor pela equipe de enfermagem, se faz necessário uma revisão bibliográfica para agrupar informações de cunho científico, que possam ser usadas por acadêmicos que procuram informações relacionadas ao assunto. E portanto, justifica-se pela necessidade de um conhecimento técnico-científico aos acadêmicos e enfermeiros para que haja um atendimento eficaz, assertivo, resolutivos com elevação do nível da assistência nos serviços de urgência e emergência.

Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica sobre a dor nos serviços de urgência e emergência, apresentar a importância de uma formação eficaz do acadêmico de enfermagem relacionada ao manejo da dor, bem como relacionar os cuidados e implicações de enfermagem mais utilizados neste contexto.

Materiais e Métodos:

Trabalho realizado sob a forma de revisão bibliográfica entre março e maio de 2021. Foram selecionados artigos em português publicados entre os anos de 2010 a 2020 tendo como tema

principal o manejo da dor pela equipe de enfermagem em unidades de urgência e emergência. Foram realizadas duas buscas de dados: uma na Biblioteca Virtual de Saúde e outra no Scielo. Foram utilizadas como palavras chave “manejo da dor”, “formação do enfermeiro”, “Enfermagem em urgência e emergência”, “dor”, “dor aguda” e “intervenção de enfermagem”. Foram encontrados 13 artigos sendo que 2 foram excluídos por apresentarem apenas o resumo; 2 dos 11 artigos disponíveis nas duas plataformas, são de revisão bibliográfica.

Resultados:

Durante a seleção, foram obtidos 13 artigos, dos quais apenas 11 estão de acordo com os critérios de inclusão propostos. No quadro 01 está a identificação dos mesmos e suas características intrínsecas.

Quadro 01. Características e principais resultados dos estudos incluídos na pesquisa. Paracatu/MG, 2021.

Autor e ano	Título	Principais Resultados	Conclusões
PONTE, Keila Maria de Azevedo <i>et al.</i> (2019)	Necessidades de conforto de pacientes atendidos no serviço de urgência e emergência: implicações para enfermagem	Apresenta a dor como principal desconforto físico, por vezes associados à posição em leito, a ansiedade, demora em procedimentos, espaço restrito por superlotação, poluição sonora, agitação do ambiente. Ainda aponta relatos de melhora com analgesia, atenção dos profissionais sendo os da enfermagem os mais citados e acadêmico, bom relacionamentos com a equipe.	Os profissionais de enfermagem como fundamentais por intervir de maneira humanística, seguido pela equipe médica, a fim de amenizar a dor e as demais necessidades de conforto seria obtida pela adequação do leito ambiente, promoção do sono e repouso e presença familiar.
LOPES, Maria Carolina Barbosa Teixeira <i>et al.</i> (2019)	Analgesia em pacientes de trauma no serviço de emergência.	Dor moderada a intensa se fez presente na maioria dos pacientes. Mesmo após melhora se fez necessário a complementação analgésica pois houve persistência de dor leve ou moderada. Houve boa concordância das escalas antes da analgesia.	Analgesia se mostra eficaz em dor pós-traumática, a utilização de escalas para a medição de dor coopera para uma assistência de maior qualidade e tornam menor o sofrimento e impactos negativos ocasionados pela dor quando não tratada.
CAVALHEIRO, Júlia Torres <i>et al.</i> (2019)	Intervenções de enfermagem para pacientes com dor aguda	Em uma amostra de 350 boletins, houve diagnóstico de dor aguda em 96,6%. Somente a administração de medicamentos foi registrada como intervenção. Após mapear esta intervenção na NIC, adicionou-se 12 intervenções.	Seis intervenções que eram executadas e não registradas foram identificadas bem como mais 12 intervenções foram identificadas.
SANTOS, Amanda	Formação dos discentes de	A 52,1% dos pesquisados foi ensinado que a dor é um quinto	Avaliação do quadro de dor e o manejo são conhecimentos

Francielle <i>et al.</i> (2019)	enfermagem acerca da avaliação da dor	sinal vital; 76% da amostra relata não ter observado nos prontuários de pacientes registros de dor; não houve o incentivo à utilização de escalas de dor a 68% e o correspondente a 62,1 em nenhuma vez já havia feito o uso das escalas de avaliação da dor.	básicos para se obter uma assistência de enfermagem adequada. Em relação a avaliação da dor se mostra alarmante a falta de conhecimento dos acadêmicos de enfermagem.
OLIVEIRA, Paulo Eduardo Pires de <i>et al.</i> (2018)	A enfermagem no manejo da dor em unidades de atendimento de urgência e emergência	Resultados mostram que a maioria dos trabalhos relacionados ao tema concentram-se na avaliação da dor; quando abordado o tema de intervenções, o mesmo limita-se a administração de medicamentos e expõe pontos a serem melhorados no manejo da dor em unidades de urgência e emergência.	Pacientes com dor de alta intensidade buscam solução em unidades de urgência e emergência. A existência de protocolos e fluxogramas do governo para permitir o enfermeiro executar a analgesia de forma precoce poderia minimizar o problema de pacientes portadores de dor. Dificuldades afastam o manejo adequado. Dificuldade de interpretação de escalas para avaliação, pouco preparo para o manejo adequado e sobrecarga dos enfermeiros se mostram como dificultadores de uma boa assistência.
MARTIN, Andrea Regina <i>et al.</i> (2015)	A dor aguda na perspectiva de pacientes vítimas de trauma leve atendidos em unidade emergencial.	Dois temas distintos surgiram: Fatores influenciadores na percepção de dor causado por trauma e impactos da dor aguda ocasionada por trauma.	Há fatores capazes de interferir na sensação dolorosa que o trauma acarreta. Ao tratar dos pacientes é importante que os profissionais levem em consideração estes fatores para que se obtenha uma avaliação assertiva e um manejo correto da dor.
GONÇALVES, Bruna <i>et al.</i> (2013)	O cuidado da criança com dor internada em uma unidade de emergência e urgência pediátrica.	Analisados os dados foram levantados dois temas sendo estes: “Critérios para avaliar um quadro de dor na criança” e “Tratamento e controle da dor em uma emergência pediátrica”.	Mesmo os profissionais de saúde valorizando o quadro algico da criança, existe a necessidade de aprimoramento da capacidade de avaliação e de manuseio da mesma.
LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho; CARVALHO, Maria de Fátima Alves Aguiar (2013)	Dor aguda e relação de gênero: diferentes percepções em homens e mulheres	Mesmo que na maioria das vezes as mulheres tenham declarado a sensação de dor máxima, a mesma também foi relatada por homens. Para o alívio da ambos recorrem aos analgésicos para obter alívio. Frente ao quadro algico homens mesmos que com maior irritabilidade, conservaram o equilíbrio nos componentes cognitivos e avaliativos. Nas mulheres boa parte relatou uma sobrecarga emocional, cognitivo e avaliativa.	O trabalho apresenta sobre as diferenças em relação a percepção de intensidade frente aos quadros de dor em homens e mulheres, tema este que tem ganhado a atenção de vários pesquisadores.
SILVA, Ana	Presença da queixa de	Em uma amostra de 364	A dor se mostrou presente em

Paula da <i>et al.</i> (2013)	dor em pacientes classificados segundo o Protocolo de Manchester	pacientes, no primeiro nível (cor vermelha) a dor não se mostra como principal motivo de procura por atendimento. Houve 32 Pacientes classificados no segundo nível (cor laranja), 31,25% relataram dor. 92 pacientes classificados em terceiro nível (Amarelo) possuíram a dor como a principal causa que os levaram a procurar por atendimento. 222 pacientes classificados no quarto nível (verde) em 23,87% houve presença de dor. Em quinto nível (azul) 5 pacientes foram classificados e em 40% houve presença de dor torácica.	todos os níveis do protocolo de Manchester. A análise de dados foi limitada pela ausência de informações como duração, localização e intensidade da dor. Assim fica evidente a importância da avaliação completa do enfermeiro ao paciente com dor.
BARRETO, Renato de Freitas <i>et al.</i> (2012)	Avaliação de dor e do perfil epidemiológico, de pacientes atendidos no pronto-socorro de um hospital universitário	Maior ocorrência do sexo masculino, caucasiano e com ensino fundamental. 46,7 foi a média da idade. Houve presença de dor em 45,6%. Principais fatores: Traumas, dor abdominal, cefaleia, ataque de animais peçonhentos e vasculopatias. Foram atendidos em 1 hora 5% e em mais de 72 horas 40%. Dor intensa presente em dois terços da amostra. A 17,7% não foi prescrito analgésicos. A dipirona foi o medicamento mais comum podendo ou não estar associado a outros fármacos. Em 30% houve melhora da dor.	Mesmo a dor se mostrando muito frequente no pronto-atendimento a mesma por muitas vezes: é pouco valorizada; não é avaliada adequadamente; é subtratada; apresenta baixa melhora do quadro e não há também a prescrição adequada de analgésicos.
BARROS, Simone Regina A. de F.; PEREIRA, Simey de Souza Leão; ALMEIDA NETO, Adauto (2011)	A formação de acadêmicos de enfermagem quanto à percepção da dor em duas instituições de ensino superior	42% dos participantes do estudo não corroboram com a administração de analgésicos em períodos fixos nos pacientes com risco de dor. 72% não administram medicamentos caso a dor seja suportável. 93% não utilizam a morfina. 80% não se manifestaram a respeito de terapias alternativas.	Evidenciou-se que durante a formação dos enfermeiros existem limitações que futuramente facilitam a existência de sofrimento desnecessário aos pacientes portadores de dor.

Fonte: Os autores (2021).

Estes materiais passaram por análise detalhada para que fosse elaborada da discussão dos dados obtidos, os quais estão dispostos a seguir.

Discussão:

Todos os artigos concordam com a afirmação de que a dor é um dos principais motivos pela procura de atendimento em unidades de urgência e emergência. Concordam também com a definição de dor estabelecida pela Associação internacional para estudo da dor.

Ponte (2019) elaborou estudo exploratório descritivo, em unidade de referência em saúde no norte do Ceará onde a dor foi analisada como principal desconforto, que gera um reflexo no meio psicoespiritual e sociocultural. O autor destaca a atuação da enfermagem como fundamental para intervir de maneira humanística a fim de amenizar a dor e as demais necessidades de conforto que seria obtida pela adequação do leito, do ambiente, promoção de sono, repouso e presença familiar.

Da mesma forma, Cavalheiro (2019) aponta que intervenções de enfermagem realizadas pela equipe na maioria das vezes não são registradas ou anotadas. Durante o seu estudo foram identificadas intervenções de enfermagem que são necessárias com base no NIC (*Nursing Intervention Classification*) citando a elaboração do diagnóstico de enfermagem de dor aguda e utilização das intervenções contidas nele sobre o controle da dor, cujo definida como: atividades para o alívio ou que reduzem a dor a um nível de conforto aceitável ao paciente. Portanto, a atuação do enfermeiro diante da dor engloba a avaliação e para isso, precisa manter uma comunicação facilitando o diálogo com paciente, estabelecendo boa relação observando as particularidades dos indicadores não verbais. Educação do paciente em relação ao seu quadro, lidar com acompanhantes ou outros contactantes, utilizar impulso sensoriais desviando sua atenção da dor, promover sono e repouso adequado, administração precisa de analgesia, analisar as influências culturais sobre a dor, reduzir estímulos nocivos, promoção de atendimento multidisciplinar, oferecer apoios diversos e abordar o cliente e familiares com empatia. Usar instrumentos padronizados para mensurar a dor ou registrar as características (intensidades, localização, frequência da dor, duração, qualidade, fatos relacionados ao início, melhora ou piora da dor), adotar mudança de posição promovendo conforto, avaliação comportamental em experiências anteriores, elaborar e utilizar fluxogramas para o atendimento, considerar as preferências do paciente, ensinar o uso de técnicas não farmacológica (aplicações de frio ou calor, relaxamento, acupressão, terapia de atividades, hipnose, musicoterapia, etc), observar as mudanças nos registros médicos, comunicar a equipe multidisciplinar sobre as técnicas aplicadas e seus resultados e incluir a família nas estratégias contra a dor caso necessário.

Apenas dois artigos discutem sobre a formação do profissional enfermeiro, sendo eles Santos *et al.* (2019) e Barros (2011). Santos *et al.* (2019) afirmam, que a dor é o 5º sinal vital, que deve ser avaliado, mensurado e tratado como os outros sinais vitais e ainda constata falhas nos conhecimentos a respeito da avaliação e abordagem da dor, durante a graduação e estágio, o que

foi relacionado a uma formação que não colabora para assistências de qualidade. Já Barros (2011) acredita ser de extrema importância que o profissional de saúde conheça por completo a fisiologia da dor, no entanto em seu estudo realizado em duas instituições de ensino público com uma amostra de 60 acadêmicos que cursavam o último período de enfermagem, em sua maioria não conheciam a fisiologia da dor. O autor acredita que o desconhecimento e o despreparo dos acadêmicos acerca do assunto possa se dar pelo motivo da dor não ser tratada como tema principal, mas sim como um conceito complementar em diversas disciplinas.

Outro estudo existente apresenta revisão bibliográfica sobre o manejo da dor trazendo informações de que a maioria dos estudos discute sobre a avaliação da dor, sobre intervenções de enfermagem com manejo baseado em administração de medicamentos analgésicos seguindo prescrições médicas e a fragilidade no manejo da dor em unidade de urgência e emergência (OLIVEIRA, 2018).

De acordo com Martin *et al.* (2015), os fatores que influenciam na percepção da dor decorrente de trauma, podem variar entre muitas ordens - biológicos, emocionais, espirituais e socioculturais. Em uma Pesquisa Realizada com 29 indivíduos, destacaram-se como principais fatores influenciadores da percepção da dor: a localização, a gravidade da lesão, a profundidade e a extensão da lesão. A Presença de sangue também se mostra relacionada a percepção da dor uma vez que esta acaba interferindo no emocional do paciente gerando nele a sensação de dor aguda. Influenciando positivamente no processo de dor, existe a crença em um ser superior, pois representa apoio e consolo.

Lira (2013) abordou em estudo as diferenças de percepção de dor em análise quantitativa envolvendo 30 homens e 30 mulheres. Foram avaliados os componentes cognitivos, emocionais, sensitivos que podem se relacionar com a dor. Neste foram observadas queixas mais intensas em mulheres; em relação aos analgésicos ambos utilizaram igualmente. Quanto aos aspectos cognitivos, os homens tiveram maior equilíbrio durante os quadros de dor.

SILVA (2013) evidencia em seu estudo realizado através de revisão documental de uma unidade de pronto atendimento (UPA), como a dor está presente nos cinco níveis do protocolo de Manchester, protocolo este utilizado para classificação de risco, estabelecendo a prioridade de atendimento dos pacientes em unidades de pronto socorro. O Protocolo de Manchester traz consigo a régua da dor, ferramenta que possui como finalidade possibilitar que o paciente expresse a sua dor para os profissionais, visto que a dor é uma experiência subjetiva que não pode ser fisicamente mensurada. A régua da dor mensura entre 0 a 10 a dor do paciente onde 0 significa ausência de dor

e 10 a maior dor já sentida pelo paciente. A utilização dessa escala além de possibilitar uma assistência mais qualificada assegura que seja mais assertiva e eficaz, faz com que o atendimento se torne mais humanizado, pois, atribui ao paciente voz ativa tendo o seu direito de expressão.

Ainda no mesmo artigo, SILVA (2013) nos expõe o problema do despreparo dos profissionais de enfermagem, visto que estudos relatam que a maior parte dos profissionais de enfermagem não conhecem instrumentos que identifique, quantifique e trate a dor. Quando enfermeiros de um hospital geral da cidade de Aracaju - SE foram entrevistados ficou evidenciado o despreparo dos profissionais uma vez que 59,3% dos profissionais não conheciam os instrumentos de avaliação da dor, e dos que conheciam 54,5% relataram não fazer uso da avaliação da dor.

Segundo Barreto (2012) apesar de a dor representar uma das principais causas de procura por atendimento nos serviços de urgência e emergência, a mesma por muitas vezes é subdiagnosticada, mal avaliada, subtratada e por vezes negligenciada. Mesmo sendo comum e frequente no serviço de urgência e emergência, observa-se um despreparo por parte dos profissionais de saúde fazendo com que o tratamento seja inadequado. Isto pode ser verificado no estudo realizado pelo autor onde em um total de 309 pacientes, grande parte apresentou a queixa de dor moderada a intensa sendo medicada com analgésicos comuns, analgésicos comuns associados a opióides fracos porém não houve associação de analgésicos comuns a opióides fortes ou prescrição de drogas adjuvantes. Apenas 2,6% de analgésicos utilizados correspondem aos opióides fortes prescritos.

Quase 20% dos pacientes que sentiam dor não tiveram analgésicos prescritos. A muitos pacientes ainda com dor foi dada alta hospitalar o que pode se relacionar a subprescrição de analgésicos potentes, a não valorização e avaliação adequada da dor (BARRETO, 2012).

No estudo realizado por Barros (2011) também foi avaliado o conhecimento dos acadêmicos acerca das ferramentas utilizadas para a mensuração da dor, no qual somente 20% dos candidatos identificaram instrumentos utilizados para classificar a dor. Em relação ao tratamento farmacológico 72% dos estudantes corroboram com a ideia de não utilizar medicamentos caso a dor sentida pelo paciente seja suportável, porém este posicionamento se opõe a literatura que através de estudos realizados na área de dor tem evidenciado que se não prevenida ou tratada pode causar o aumento da morbidade e mortalidade. 93% dos acadêmicos não optariam pela morfina como primeira escolha mesmo sendo este fármaco utilizado na terapêutica da dor oncológica grave não possuindo "dose limite" diária. 80% dos entrevistados não souberam opinar em relação às terapias alternativas.

Gonçalves *et al.* (2013) discorre sobre o cuidado com a criança durante quadros álgicos internados em urgência e emergência pediátrica. Durante seus estudos surgiram dois temas de análise: verificou-se os critérios utilizados para avaliar um quadro de dor em criança, assim como o tratamento e controle de dor em uma urgência ou emergência pediátrica. Neste contexto foi perceptível que a equipe de saúde valoriza a dor em crianças, mas, precisa melhorar sua avaliação e manejo já que o público infantil tem suas particularidades. Em crianças menores a avaliação da dor seria baseada na alteração de comportamento das mesmas, e as formas de manejo eram baseadas em conforto no colo, presença da mãe ou familiar e diálogo, além das administrações de medicamentos.

Considerações finais:

O problema de pesquisa “Quais são as formas de atuação da enfermagem no manejo da dor em Unidades de urgência e emergência?” pode ser respondido através do nosso trabalho de revisão bibliográfica onde evidenciou-se a importância do conhecimento a respeito da fisiologia da dor bem como os métodos utilizados para a mensuração da dor e a importância do tratamento farmacológico correto e também alternativas de manejo não farmacológico principalmente as intervenções guiadas e descritas no NIC - *Nursing Intervention Classification*.

As três hipóteses levantadas se confirmaram uma vez que todos os artigos concordam com o fato de a dor ser considerada um dos principais motivos de procura por atendimento em unidades de urgência e emergência; também evidenciou-se a importância da assistência prestada pela equipe de enfermagem tendo em vista que a qualidade dessa assistência irá determinar um desfecho positivo ou negativo no quadro álgico do paciente; fica evidenciado em mais de um artigo que a formação dos acadêmicos de enfermagem em relação ao manejo do paciente com dor, interfere diretamente em sua capacidade de atuar bem como na qualidade da assistência prestada.

Após finalizado, o trabalho evidencia uma falha que pode se fazer presente em várias instituições que ministram o curso de enfermagem, sendo esta falha a não preparação adequada dos seus alunos para uma assistência de qualidade ao paciente portador de dor. Através dos dados constatou-se que muitos dos acadêmicos não possuem conhecimento a respeito de ferramentas para quantificar a dor bem como também possuem dúvidas em relação ao tratamento da mesma.

Frente aos problemas constatados sugere-se que as instituições de ensino proporcionem aos acadêmicos através de disciplinas, eventos, debates ou algo do gênero, conhecimentos claros e objetivos que se relacionem com uma abordagem e prestação de uma assistência de qualidade ao

paciente acometido com quadro de dor, tendo em vista que este quadro é muito comum a qualquer ser humano em qualquer faixa etária em unidades de urgência e emergência com destaque para os quadros de dor aguda.

E ainda que os profissionais atuantes adotem os diversos recursos disponíveis para avaliar a dor e que essa seja tratada de fato, seja seguindo protocolos ou aplicação do processo de enfermagem com intervenções baseadas no NIC, o que resultaria na padronização da assistência de enfermagem.

Referências:

BARRETO, Renato de Freitas *et al.* Avaliação de dor e do perfil epidemiológico, de pacientes atendidos no pronto-socorro de um hospital universitário. **Revista Dor**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 213-219, Set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132012000300004&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 01 Maio 2021.

BARROS, Simone Regina A. de F.; PEREIRA, Simey de Souza Leão; ALMEIDA NETO, Adauto. A formação de acadêmicos de enfermagem quanto à percepção da dor em duas instituições de ensino superior. **Revista Dor**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 131-137, Junho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 maio 2021.

BARROS, Simone Regina Alves de Freitas; ALBUQUERQUE, Ana Paula dos Santos. Condutas de enfermagem no diagnóstico da dor e a classificação dos resultados. **Revista Dor**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 107-111, Junho 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132014000200107&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Nov. 2020.

CAVALHEIRO, Julia Torres et al. Intervenções de enfermagem para pacientes com dor aguda. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 13, n. 3, p. 632-639, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/238069>>. Acesso em: 13 maio 2021.

DESANTANA, Josimari Melo et al. Definição de dor revisada após quatro décadas. **BrJP**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 197-198, Sept. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2595-31922020000300197&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Nov. 2020.

GONÇALVES, Bruna et al. O cuidado da criança com dor internada em uma unidade de emergência e urgência pediátrica. **Revista Dor**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 179-183, Sept 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132013000300005&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 20 Maio 2021.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e; CARVALHO, Maria de Fátima Alves Aguiar. Dor aguda e relação de gênero: diferentes percepções em homens e mulheres. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 71-81, 2013. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-38522013000100071&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 17 maio 2021.

MARTIN, Andrea Regina et al. A dor aguda na perspectiva de pacientes vítimas de trauma leve atendidos em unidade emergencial. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 14-20, Junho 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000200014&lng=en&nrm=iso> Acesso em 27 Abril 2021.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo Pires de; PEREIRA, Lilian Varanda; SANTOS, Nilde Resplandes; SOUZA, Layz Alves Ferreira. A enfermagem no manejo da dor em unidades de atendimento de urgência e emergência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 18, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/37309>> Acesso em: 14 maio 2021.

PONTE, Keila Maria de Azevedo *et al.* Necessidades de conforto de pacientes atendidos no serviço de urgência e emergência: implicações para enfermagem. **Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online**, v. 11, n. 4 p. 925-930, set. 2019. Disponível em <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1005741>>. Acesso em: 14 maio 2021.

SANTOS, Amanda Francielle *at al.* Formação dos discentes de enfermagem acerca da avaliação da dor. **Revista de enfermagem UFPE on line**, v. 13 n. 5, p. 1380-1386, maio 2019. disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1024504>> Acesso em: 14 maio 2021

SILVA, Ana Paula *et al.* Presença de queixa de dor em pacientes classificados segundo protocolo de Manchester. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 3, n. 1, p. 507-517, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/viewFile/287/381>> Acesso em: 14 maio 2021.